

Brasil projeta museu aberto do descobrimento

Ele vai ocupar todo o litoral da Bahia e pretende provocar reflexões sobre o País

ULISSES CAPOZOLI

Nas comemorações dos 500 anos de sua descoberta, em 22 de abril do ano 2000, o Brasil terá um espaço para a reflexão de sua história passada e futura. A Fundação Quadrilátero do Descobrimto, uma organização não-governamental (ONG) com sede na Bahia, está projetando um museu aberto e um espaço específico para pensar o Brasil. O museu ocupará 130 quilômetros de extensão ao longo de todo o litoral da Bahia onde se deu a singradura da frota de Pedro Álvares Cabral, entre os dias 22 de abril a 1º de maio de 1500.

O espaço vai materializar um novo conceito de paisagem cultural, recentemente introduzida pela Unesco, para tombamento de áreas consideradas patrimônio da humanidade, segundo o presidente da fundação, o administrador cultural Roberto Pinho. O espaço deverá estender-se da foz do Rio Cai, de onde se deu o primeiro contato com a nova terra, ao Ilhéu de Coroa Vermelha, onde foi rezada a primeira missa.

As controvérsias sobre a intencionalidade ou não do descobrimento de Cabral, marinheiro de uma única viagem; a formação da nacionalidade brasileira a partir das matrizes européia, indígena e africana; o trajeto cultural da língua portuguesa e, especialmente, as perspectivas futuras do País são reflexões que o projeto quer provocar.

O Museu Aberto do Descobri-

mento, ou Made, como prefere Pinho, e o Projeto Quadrilátero, são idéias integradas dividindo um cenário que não é apenas natural, mas também histórico. A intenção, no segundo caso, é instalar um parque temático, tratando da evolução da civilização brasileira a partir da descoberta.

O Projeto Quadrilátero deverá cobrir uma área de 500 quilômetros quadrados, parcialmente compartilhado com o Made. Nesta área estão incluídos 52 quilômetros de praias contínuas e ainda não modificadas. Isolado por carência de vias de acesso, esse espaço deve permitir aos seus futuros visitantes "uma identificação instantânea" com a descrição da carta de Pero Vaz de Caminha (1450-1500), escrivão da armada.

PARQUE TEMÁTICO MOSTRA A EVOLUÇÃO BRASILEIRA A PARTIR DA DESCOBERTA

Passados 493 anos da descoberta oficial do Brasil, a área onde a frota de Cabral aportou continua fiel à descrição feita por Caminha na carta ao rei D. Manuel, diz Pinho. Ainda que algumas localidades tenham sofrido as consequências de uma ocupação desordenada, acidentes geográficos como os morros e falésias e a maior parte das praias não se alterou. O próprio Parque Nacional de Monte Pascoal, que tem madeiras, como o Pau Brasil, saqueadas ilegalmente, na prática está fechado a visitantes por falta de infraestrutura: "Um turista desavisado corre o risco de ser devorado por uma onça ali", diz Pinho.

O acervo do Made está previsto para ser conter as seguintes "peças": marco oceânico do avistamento; foz do Rio Cai; Parque Nacional de Monte Pascoal; Projeto Quadrilátero; Parque Temático do Brasil; Rio do Brasil (Rio da Barra); Mata Atlântica e falésias; Porto Seguro e Ilhéu da Coroa Vermelha.

Visitante terá a mesma visão dos navegadores

Plano diretor vai orientar o uso e ocupação do solo para fins turísticos

O marco oceânico do avistamento está previsto para ser um monumento feito de material não corrosivo instalado no ponto de onde, segundo Pedro Vaz de Caminha, se avistou o topo do Monte Pascoal. O ponto fica a "9 léguas" (54 quilômetros) da costa, a uma profundidade de 30 metros. No futuro, visitantes instalados em réplicas de naus e caravelas como as de Cabral poderão ter a mesma visão dos descobridores.

A foz do Rio Cai é o local onde se deu o primeiro contato entre portugueses e índios pataxós, dias antes da primeira missa rezada pelo frade franciscano, Henrique Soares, da cidade de Coimbra. No local deverá ser criado o Espaço do Primeiro Contato, onde artistas plásticos serão convidados a conceber o encontro segundo a concepção de cada um.

O Parque Nacional de Monte Pascoal, um dos mais importantes sítios históricos nacionais, poderá atrair o interesse da iniciativa privada para exploração turística, acredita Roberto Pinho. Para isto seria construída uma estrada de 62 quilômetros.

Laboratório social — O Projeto Quadrilátero, Parque Temático do Brasil, prevê a construção de um "laboratório social" buscando soluções para áreas que vão do ambiente à saúde, passando pela educação. Neste projeto estão incluídas as localidades de Porto Seguro, Arraial da Ajuda, Trancoso e Carávia, com população de 10 mil habitantes.

O projeto prevê a implantação de um plano diretor que vai orientar e ordenar o uso e ocupação do solo para implantação de equipamentos turísticos e culturais. Uma nova concepção em assistência à saúde, educação e saneamento básico deverá produzir resultados que poderão ser transferidos para outras regiões, especialmente as litorâneas, defende Pinho.

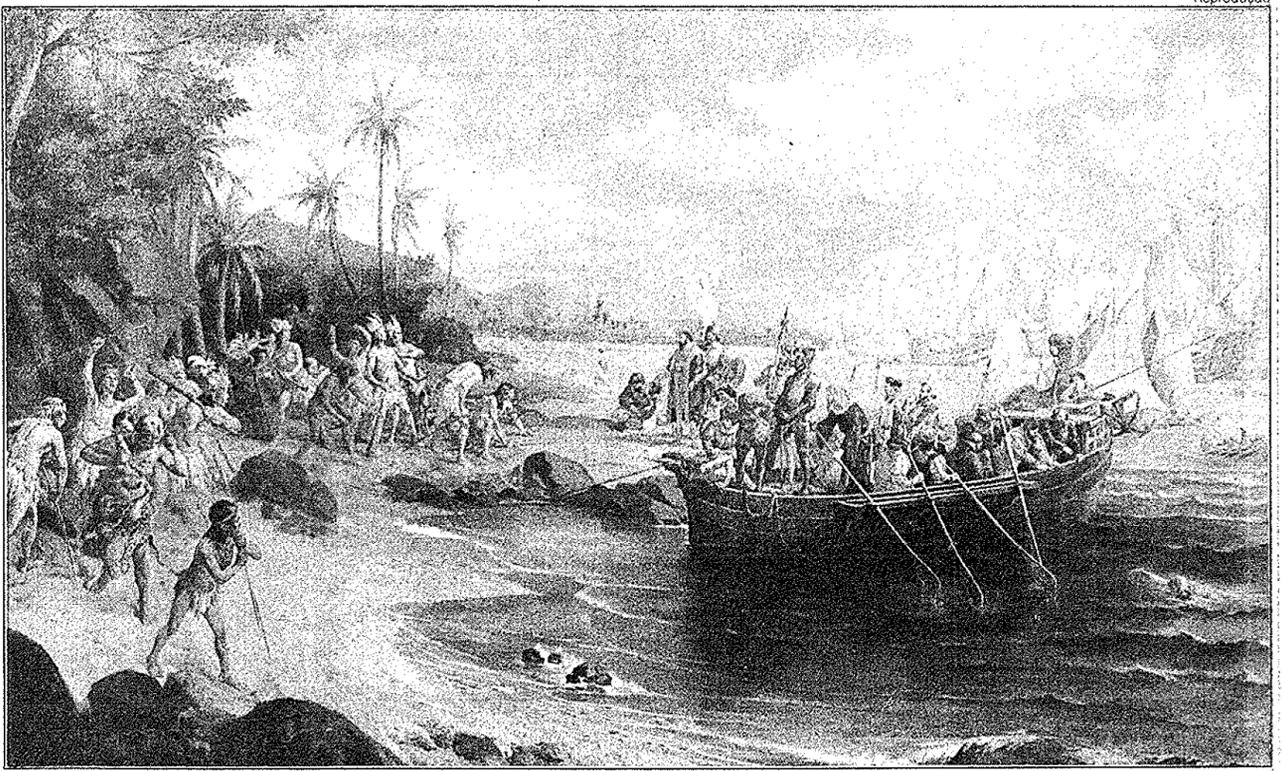
Esse projeto também inclui equipamentos culturais, como um memorial do Brasil e outro de Portugal, um museu da língua brasileira, um museu de Pero Vaz de Caminha, um centro de referência da cultura indígena e outra da cultura africana, além de um museu da história da Companhia de Jesus no Brasil.

LABORATÓRIO SOCIAL PRETENDE BUSCAR SOLUÇÕES PARA PROBLEMAS DE VÁRIAS ÁREAS

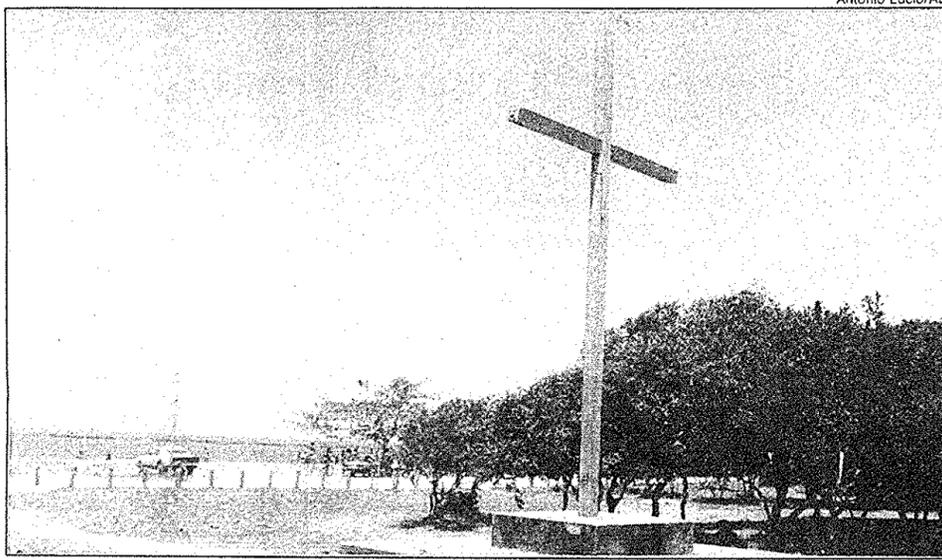
Entre outros acidentes da paisagem dessa região está o rio do Brasil, como o rio da Barra era conhecido na cartografia do século 16, e as falésias Vermelha e Branca, costões elevados erodidos pelo mar.

Em Porto Seguro, que sofreu transformações em seu sítio histórico nas duas últimas décadas, estão previstas as experiências de desenvolvimento social. Já, prevê Pinho, "se poderá construir uma vitrine, para o Brasil e exterior, das imensas possibilidades criadoras e produtoras do povo brasileiro com a solução de dificuldades sociais, como carência de trabalho, assistência médica, educação e outros serviços".

Auto da descoberta — O Ilhéu da Coroa Vermelha, local da primeira missa, está desfigurado por construções irregulares, entre elas uma favela indígena. A proposta é recuperá-la para a instalação de um auto do descobrimento que, periodicamente, encenaria a descoberta do Brasil. (U.C.)



Reprodução do quadro Desembarque de Cabral, do pintor Oscar Pires da Silva: praias ainda mantêm as mesmas características



Local da primeira missa tem construções irregulares e uma favela indígena: descaracterização



Frota tinha 13 embarcações e 1.200 homens

Pedro Álvares Cabral não considerou a superstição ao deixar Lisboa em 9 de março de 1500 com uma frota de 13 embarcações e 1.200 homens em armas. Mas a sorte não lhe seria fiel ao longo dos 16 meses que durou a viagem. Após uma estada de dez dias no Brasil, ele tomou o rumo sul da África para alcançar as Índias. Aqui ficaram quatro homens: degredados e desertores.

Em 29 de maio de 1500, quando avistavam o Cabo da Boa Esperança, a frota foi batida por tempestades e quatro naus naufragaram. Bartolomeu Dias, que havia cruzado o Cabo 12 anos antes, foi um dos mortos.

O restante da frota ancorou, em 13 de setembro, no porto de Calecute, na costa ocidental das Índias, onde alguns dias depois houve um choque com o soberano local. Os portugueses reagiram bombardeando o porto e destruindo uma frota de 10 barcos. Daí Cabral seguiu para os portos de Cochim e Cananor, aborrotando suas naus de mercadorias e partindo de volta a Portugal em 31 de janeiro de 1501. De passagem pelo Cabo da Boa Esperança, perdeu mais uma nau.

Cabral chegou à foz do Tejo em 23 de junho de 1501. O rei o recebeu com honrarias, mas uma próxima viagem às Índias, com uma frota de 20 naus que lhe deveria ser confiada, acabou nas mãos de Vasco da Gama, por razões ainda controversas. Cabral se retirou então para a província de Beira Baixa, onde morreu. Seu túmulo só foi localizado em 1848, pelo historiador brasileiro Francisco Adolfo Varnhagen. (U.C.)

Viagem de Cabral provoca controvérsias

Para muitos historiadores, a descoberta foi uma bem urdida ficção política

Ainda que o Monte Pascoal esteja citado pelo cronista Pero Vaz de Caminha como a primeira cena brasileira vista por olhos europeus, as evidências crescentes são de que tudo pode não passar de uma bem urdida ficção política. Ou seja, Pedro Álvares Cabral, em cuja lápide se escreveu apenas que fora casado com a camareira-mor da infanta dona Maria, sem nenhuma referência à descoberta do Brasil, foi enviado para descobrir uma terra que já era conhecida por navegadores portugueses.

Jaime Cortesão, um dos mais respeitados historiadores portugueses e que viveu como exilado político no Brasil nos anos 1950, foi um dos que sustentou mais enfaticamente a idéia de que Cabral, um dos prediletos na corte do rei D. Manuel 1º, fez uma descoberta apenas formal da nova terra. Um dos principais argumentos de Cortesão, ou de outros es-

pecialistas na história da Península Ibérica, como Bartolomé Bannassar, da Universidade de Toulouse, na França, é o Tratado de Tordesilhas, assinado em 1494.

O pretexto português para a reformulação do tratado, que partilhava o Atlântico entre Portugal e Espanha, foi a proteção da rota marítima oriental para as Índias, que Vasco da Gama havia conquistado em 1488. Pela bula *Inter Coetera*, assinada pelo papa Alexandre 6º, o limite português não superava as 100 léguas (600 quilômetros) a oeste da ilha de Cabo Verde, possessão portuguesa no Atlântico.

O empenho bem-sucedido dos portugueses em ampliar esse limite para 370 léguas (2.220 quilômetros) acabaria rendendo a Portugal quase a metade da América do Sul. Pelo tratado anterior, o Brasil seria da Es-

panha. **Acaso** — Tudo pode ter começado por acaso, quando, batido pelas tempestades do Atlântico, Cristóvão Colombo, que retornava da descoberta da América a bordo de sua pequena *Niña*, aportou em Lisboa. Recebido pelo rei D. João 2º, Colombo relatou-lhe a descoberta, acrescentando que ela fora feita em nome dos reis católicos da Espanha. D. João teria então enviado uma expedição sob o comando de Francisco de Almeida, que teria descoberto o Brasil no outono europeu de 1493 ou no início de 1494.

PORTUGUESES CONHECIAM A ROTA, MAS SÓ A ANUNCIARAM APÓS MUDAR ACORDO COM A ESPANHA

Assim, no raciocínio de Jaime Cortesão, se D. João 2º tivesse a intenção apenas de preservar o caminho marítimo para as Índias pela rota oriental, não precisaria ampliar seus limites no Atlântico. Se o rei se preocupou com os limites,

é porque tinha interesses a preservar do outro lado do oceano.

Os historiadores trabalham também com a idéia de que Portugal esperou aproximadamente sete anos para anunciar oficialmente a descoberta do Brasil para não ser acusado de má-fé pelos espanhóis e, assim, ter outros interesses prejudicados.

Uma conclusão para a verdadeira história da descoberta do Brasil talvez possa emergir de trabalhos que estão sendo feitos no Instituto de Estudos Avançados (IEA) da USP. Há dois anos o IEA criou a cátedra Jaime Cortesão para, segundo o historiador Carlos Guilherme Motta, da USP, "reconsiderar criticamente o mundo luso-afr-brasileiro". A cátedra é um convênio assinado entre a USP e a Comissão Nacional dos Descobrimtos Portugueses, válido até dezembro do ano 2000. Pelo acordo, a cátedra receberá a visita de pesquisadores, escritores e artistas portugueses com a função de estudar o período dos descobrimtos, numa iniciativa que só foi tomada em três outras universidades no mundo: Bordéus, na França, Oxford, na Inglaterra, e Florença, na Itália. (U.C.)